

RESENHA

ESTUDOS DO DISCURSO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 349 p.

André Luiz SILVA⁴⁷

Giani DAVID SILVA⁴⁸

O discurso como campo de estudo teve início, primeiramente, com os formalistas russos no início do século XX, mas de maneira tímida; o formalismo russo se propunha a estudar ademais da frase, embora ficasse preso a ela. Com os trabalhos de Harris, Jakobson e Benveniste, o discurso começa a insinuar-se, de fato, como disciplina. Harris, por um lado, apesar de pensar ademais da frase, não levava em conta a significação e as condições sócio-históricas de produção. Jakobson e Benveniste, por outro lado, vão dar ênfase aos estudos sobre enunciação. Isso acabou criando duas vertentes de estudos discursivos, uma anglo-saxônica e outra francesa.

Gill (2011)⁴⁹ diz haver hoje, no mínimo, 57 variedades de análise “de/do” discurso: “[...] é o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas. [...] não existe uma única ‘análise de discurso’, mas muitos estilos diferentes de análise” (p. 244).

Pensando nessas variedades e, sobretudo, perspectivas teóricas, Luciano Amaral Oliveira e outros colaboradores dão materialidade ao livro *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*, publicado em 2013 pela Parábola. Nele, estão reunidos doze teóricos, referências

⁴⁷ Doutorando em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. andre.alvaresesilva@gmail.com.

⁴⁸ Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG. Presidente da Associação Mineira dos Pesquisadores em Análise do Discurso (AMPADIS). gianids@gmail.com.

⁴⁹ GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 244-270.

para os diferentes estudos relacionados ao discurso (Gramsci, Bakhtin, Althusser, Lacan, Foucault, Bourdieu, Ducrot, Pêcheux, Charaudeau, Maingueneau, Fairclough e Van Dijk).

O livro foi pensado para alunos, especialmente de Letras, de cursos de graduação e pós-graduação interessados em ter um embasamento teórico mínimo acerca dos estudos do discurso e analisar textos a partir de perspectivas distintas. Nesse sentido, os textos têm um caráter pedagógico, com uma escrita “mais clara” para tratar conceitos mais densos, ademais do uso de figuras, exemplos e excertos retirados de obras dos teóricos e de seus comentadores.

De acordo com Luciano Amaral Oliveira, *Estudos do discurso* tem três objetivos gerais, a saber: 1) “reunir, em um único volume, textos sobre as perspectivas teóricas mais importantes relacionadas aos estudos do discurso” (p. 9); 2) enfatizar o caráter político por trás de qualquer análise discursiva, isto é, um discurso é sempre político, no sentido de ter intenções, ter fins almejados; nesse sentido, não é neutro; e 3) se não debater, ao menos expor algumas divergências entre as diferentes perspectivas discursivas presentes no livro, dando espaço a questões como: o sujeito é assujeitado ou tem autonomia, mesmo relativa, para pensar suas ações?; produzimos sentido sempre de maneira consciente ou o inconsciente age em nós?; a noção de estrutura e superestrutura é relevante para a produção discursiva?

O livro foi dividido em doze capítulos, sendo cada um deles a respeito de um teórico do discurso, ademais da “Introdução”, “Referências” e uma biografia dos autores da obra. A ordenação dos capítulos, segundo o organizador Luciano Amaral Oliveira, deu-se de modo a separar teóricos com contribuições indiretas para os estudos do discurso (Gramsci, Bakhtin, Althusser, Lacan, Foucault, Bourdieu, Ducrot) daqueles dedicados sobremaneira à questão discursiva (Pêcheux, Charaudeau, Maingueneau, Fairclough e Van Dijk).

No primeiro capítulo – “Gramsci” –, de autoria de Luciano Amaral Oliveira, busca-se mostrar como Antonio Gramsci influenciou os estudos discursivos – sobretudo, a Análise Crítica do Discurso (ACD) – a partir de conceitos, a priori, não relacionados ao discurso propriamente. De acordo com Oliveira, Gramsci é bastante estudado na Educação, mas na Letras nem tanto, embora haja significativos indícios de algumas de suas concepções em Fairclough e Van Dijk. Neste capítulo, o autor se fixa em quatro conceitos do filósofo marxista: bloco histórico, sociedade civil, sociedade política e hegemonia.

O capítulo “Bakhtin”, o de número dois, de autoria de Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva, traz, primeiramente, o contexto sócio-histórico de formação do chamado “Círculo de Bakhtin”, formado por Mikhail Bakhtin, Valentin Volóshinov e Pavel Medvedev,

dando ênfase ao período de aproximação desses teóricos, bem como às obras produzidas por eles. Em relação à contribuição de Bakhtin para o campo discursivo (e das linguagens), Penteadó de Faria Silva aborda três noções-chave do autor russo: enunciado concreto, dialogismo (polifonia) e gêneros do discurso. Ao longo do capítulo, a autora usa de exemplos extraídos de charges, títulos de jornais e correspondência.

O capítulo seguinte – “Althusser” –, de autoria de José Otacílio da Silva, traz algumas concepções essenciais da principal influência para a análise do discurso francesa, fundada por Michel Pêcheux. Entre os conceitos trabalhados no capítulo, destaque para o de “sobredeterminação”, em que Althusser propõe uma releitura da metáfora de superestrutura/infraestrutura de Marx. Nesse sentido, diz haver, em determinados contextos, um condicionamento da infraestrutura à superestrutura, uma espécie de “sobredeterminação” desta em relação àquela (Pêcheux, posteriormente, vai desenvolver a ideia de “assujeitamento”). O autor do capítulo aborda ainda os conceitos de aparelhos ideológicos de Estado e interpelação ideológica, ademais de apontar como tais concepções são retomadas por Pêcheux para mostrar como a prática discursiva é sobredeterminada pela ideologia.

Em “Lacan”, capítulo quatro do *Estudos do Discurso*, Bethania Mariani e Belmira Magalhães dão ênfase aos conceitos sujeito cindido, inconsciente e significante, propostos pelo psicanalista francês e retomados na análise de discurso de Pêcheux em complementação aos pressupostos althusserianos. Para isso, as autoras vão fazer uma retrospectiva de Freud e Lacan no tocante às manifestações das linguagens (ou, mais especificamente, em seus lapsos). Neste capítulo, é importante ressaltar a menção das autoras à subversão de Lacan ao “algoritmo fundador da linguística com ciência” proposta por Saussure, com o significante sobre o significado, dando origem às ideias de cadeia significante e inconsciente.

“Foucault”, quinto capítulo do livro, escrito por Rosa Maria Bueno Fischer, traz a concepção de discurso como luta, como batalha, e não como algo isolado, causal e linear. Segundo a autora, a problematização sobre o discurso está presente em toda a obra de Foucault, desde a ideia de discurso criador (*O que é um autor?*) até a noção de formas de controle pela palavra em sociedades de todos os tempos (*A ordem do discurso, Arqueologia do saber*). Dessa maneira, Fischer traz à baila algumas concepções fundamentais desenvolvidas por Foucault, entre elas, a de discurso como conjunto de enunciados de um determinado campo de saber (formação discursiva) e de discurso como prática e relações historicamente constituídas.

Pierre Bourdieu é tema do capítulo seis, escrito por José Otacílio da Silva. Ao longo das cerca de trinta páginas, Silva apresenta alguns dos muitos conceitos desenvolvidos pelo sociólogo francês em quase quarenta anos de pesquisa – *habitus* e campo, poder simbólico, mercado simbólico, competência prática – e como tais concepções são, vez por outra, utilizadas pelos teóricos da análise “de/do” discurso, entre eles, Pêcheux, Charaudeau, Maingueneau, Fairclough e Van Dijk. De acordo com Silva, o maior trunfo de Bourdieu seja, talvez, sua flexibilidade ao considerar a *relativa* autonomia dos indivíduos em suas escolhas e posicionamentos, não sendo totalmente sobredeterminado pelas estruturas sociais, política, econômicas ou culturais. Nesse sentido, critica o estruturalismo por desprezar o aspecto subjetivo da ação social. Deste capítulo, interessante ressaltar ainda a ênfase dada por Silva à concepção de mercado simbólico de Bourdieu. Para o sociólogo francês, nas interações discursivas, há uma complexa rede de fatores extralinguísticos.

Em “Ducrot” – capítulo sete –, Ana Lúcia Tinoco Cabral explora conceitos fundamentais do semanticista francês para os estudos discursivos contemporâneos, sobretudo aqueles preocupados com a argumentação. De uma perspectiva interna da língua, Oswald Ducrot buscou evidenciar o modo como algumas expressões linguísticas constitui uma orientação argumentativa. Nesse sentido, por meio da teoria da argumentação na língua (ADL), desenvolvida por Ducrot, Cabral evoca conceitos-chave, como enunciação e enunciado, posto, pressuposto e subentendido; *topos*, polifonia e locutor/enunciador são outras concepções trabalhadas no texto.

Os capítulos sobre os teóricos com contribuições diretas para os estudos do discurso têm início com “Pêcheux” – oitavo capítulo –, escrito por Sonia Sueli Berti Santos. A partir de um percurso histórico apoiado em inúmeros autores – Saussure, Harris, Benveniste –, a autora aponta como se deu a fundação (por Pêcheux) da escola francesa de análise do discurso. Segundo Santos, a perspectiva discursiva do filósofo francês está em um ponto intermediário entre as linguagens e a ideologia. Conceitos de Pêcheux como formação discursiva, memória discursiva, interdiscurso, intradiscurso, já-dito, forma-sujeito são apresentados pela autora ao longo de um subtítulo denominado *Fases da AD*, em que a primeira fase estaria calcada nas concepções de Althusser e Lacan; a segunda, na noção de formação discursiva; e a terceira, na ideia de interdiscurso.

Patrick Charaudeau dá título ao capítulo nove, mais um de José Otacílio da Silva. O texto dá ênfase, inicialmente, à noção-chave da teoria semiolinguística de Charaudeau, o

contrato de comunicação e sua dimensão externa-interna (sujeito comunicante e sujeito enunciador). Silva, no capítulo, opta por ressaltar o entendimento do discurso político proposta pelo linguista francês; dessa forma, traz à tona os conceitos de instância cidadã e instância política. Como exemplos de estratégias discursivas do discurso político, o autor escolhe trabalhar a ideia de *ethos*, *pathos* e *logos*, exemplificando a partir de uma carta do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva o modo como tais perspectivas têm seu uso.

“Maingueneau”, capítulo dez do *Estudos do discurso*, foi escrito por Alexandre Ferrari Soares, Aparecida Feola Sella e Terezinha Costa-Hübes. Nele, os autores dão início a uma trajetória da análise do discurso na França e, posteriormente, sua adoção no Brasil; nessa esteira, vão apresentando questões e conceitos caros à AD, como sua diferença em relação à Linguística ou à análise de conteúdo, a ideia de efeito de sentido, formação discursiva, enunciado *versus* discurso etc. Os autores vão retomar ainda a noção de Dominique Maingueneau de discurso como ato interativo, situado (geográfica e historicamente) por interlocutores com crenças e valores. Como exemplo das discussões suscitadas no capítulo, os autores vão analisar o Manual do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) a partir da ideia de formação discursiva.

O capítulo onze – “Fairclough” –, de Luciano Amaral Oliveira e Marco Antonio Batista Carvalho, aborda conceitos propostos por um dos principais expoentes da Análise Crítica do Discurso (ACD), Norman Fairclough. O principal trunfo da teoria faircloughiana está no seu modelo tridimensional de análise, calcado 1) no texto, 2) na prática discursiva e 3) na prática social. Interessante observar a concepção abstrata de discurso, considerando signos linguísticos e não linguísticos (imagens, cores, sons etc.). Prática social (“configuração relativamente estável”) e ideologia (“pressuposições do senso comum implícitas nas convenções”) são conceitos-chave para Fairclough.

O décimo segundo capítulo da obra, dedicado a Teun Adrianus van Dijk, é escrito por Luciano Amaral Oliveira. Segundo o autor, com base no tripé conceitual estruturas sociais, estruturas discursivas e contexto sociocognitivo, Van Dijk se propõe a estudar de maneira crítica as injustiças e as desigualdades sociais legitimadas pelo discurso, sobretudo o racismo. Oliveira, em determinado ponto, aponta os procedimentos metodológicos para se analisar um texto criticamente, desde macroestrutura semântica até as escolhas sintáticas e lexicais.

Embora a ideia da obra seja fazer conhecer *um pouco* a obra desses doze teóricos para *um mergulho mais fundo* posterior, *Estudos do discurso* falta, acreditamos, em duas questões,

uma menor outra maior. 1) Ao não acrescer entre os autores contributos à análise “de/do” discurso nomes como Saussure, Harris, Benveniste, Jakobson (para sermos sucinto), o livro deixa de debater teóricos influentes para os estudos discursivos, apesar de citá-los vez por outra ao longo de boa parte dos capítulos. 2) Ao não explicar por que motivo escolhe abordar um ou outro conceito dos doze teóricos – em Charaudeau, por exemplo, o texto não menciona sua contribuição pioneira para a análise do discurso midiático, tampouco concepções seminais do autor, como os modos de organização do discurso (descritivo, narrativo e argumentativo); ou em Maingueneau, em que deixa de tratar de conceitos como cena da enunciação, cena englobante, cena genérica, cenografia, incorporação etc., para falar das releituras do autor para os conceitos de formação discursiva e interdiscursividade.

Não obstante, *Estudos do discurso* é uma obra de grande valia e recomendável para alunos de graduação e de pós-graduação não apenas de Letras, como sugere o organizador, mas de outras áreas do conhecimento, como Comunicação, Filosofia, Sociologia, História, Psicologia, entre outras, dada a dimensão tomada pela análise de discurso, análise do discurso, análise crítica do discurso etc. nos últimos anos. Ademais, sua leitura pode ser um primeiro passo para se conhecerem as limitações, os caminhos e as proposições em se tratando dos estudos discursivos, seja para criticar com o mínimo de conhecimento, seja para legitimar uma adesão a esta ou àquela vertente.